

	Colégio Estadual Dr. Eduardo Bahiana	
	<i>Data:</i> ____ / ____ / ____	<i>Turma:</i>
	<i>Aluno:</i>	
	<i>Professor:</i> Manuel Antonio	
	<i>Disciplina:</i> Filosofia	

Resumo da 10^a Lista de Exercícios – 2º Ano

David Hume (1711-1776)

O ponto de partida de Hume é a tese segundo a qual nossas ideias sobre o real se originam de nossa experiência sensível(empirismo). A percepção é considerada como critério de validade dessas ideias, que, quanto mais próximas da percepção que as originou, mais nítidas e fortes são, ao passo que, quanto mais abstratas e remotas, menos nítidas se tornam.

O empirismo opõe-se ao inatismo (ideias inatas) ao considerar que as ideias se originam somente da experiência. Essa diferença pode ser bem observada quando se compara a visão de David Hume com a de René Descartes, para quem as ideias verdadeiras surgem de forma inata no sujeito cognoscente.

Com efeito, para Hume, toda ideia corresponderia à uma impressão e seria uma “cópia” da impressão que a originou.

Segundo Hume, filósofo representante do empirismo britânico, o conhecimento começa com a experiência dos sentidos, mediante o hábito ou costume.

Hume afirma que a razão é produto da experiência. Mas uma experiência específica, a da repetição, isto é, do hábito ou costume. A repetição propicia a associação de ideias. E eis que a ideia torna-se crença. No limite, as crenças são produtos da imaginação

O universal resulta do processo de associação e da força de nosso hábito ou costume.

De experiências habituais ele constrói conhecimentos baseados em matérias de fato e relações entre ideias.

Sendo assim, o homem é apenas capaz de crer que a relação de causa e efeito entre a chama e o calor, por exemplo, se mantenha persistente.

A crença é um resultado necessário da mente observar regularidades – diferentemente da ficção que é uma formulação com aparência de realidade e sem um lastro sensitivo.

Nesse sentido, um raciocínio impenetrável é inconveniente, pois estabelece uma ficção capaz de convencer pela sua aparência de realidade, porém incapaz de se demonstrar pela sua ausência de lastro sensitivo.

O conhecimento sobre a causalidade é definido de maneira geral e sem aceitar a existência de exceções como algo originado inteiramente da experiência.

Por conseguinte, Hume não admite que a relação de causa e efeito seja concebida por raciocínios a priori e o homem apenas a apreende empiricamente.

É no sentido de repetições ou de uma regularidade (costume, hábito), que pode ser dito que a causalidade é uma forma nossa de perceber o real, uma ideia derivada da reflexão sobre as operações de nossa própria mente,

Em Hume, a ideia de relação entre fenômenos que se repetem, ou seja, a ideia de que um fenômeno que ocorre de determinada maneira ocorrerá sempre da mesma forma, não parte de nenhum pressuposto sensível, não tendo, portanto, fundamentação para ser aceita como fato.

Hume concluiu que o conhecimento científico – que ostenta a bandeira da mais pura racionalidade – também está ancorado em bases não racionais, como a crença e o hábito intelectual.

Hume chamou a atenção para o fato de que a conclusão indutiva, por maior que seja o número de percepções repetidas do mesmo fato, não possui fundamento lógico – ou seja, sempre será um salto do raciocínio.

Para o filósofo, esse “salto” seria impulsionado pela crença ou hábito. Este surge com as repetidas percepções de um fato, as quais nos levam a confiar em que aquilo que se repetiu até hoje se repetirá amanhã e sempre.

Assim, por exemplo, cremos que o sol nascerá amanhã porque até hoje ele sempre nasceu.

Como explicou Hume, somente o raciocínio dedutivo, utilizado na matemática, fundamenta-se em uma lógica racional.

As ciências são fundamentadas no hábito de associar ideias, em consequência das repetições da experiência.

A razão é o hábito de associar ideias, seja por semelhança, seja por diferença.

Hume questiona o modelo cartesiano de mente como substância pensante, a res cogitans de Descartes, sustentando que não podemos ter nenhuma representação de nossa mente independente de nossa experiência, ou seja, de nossas impressões sensíveis e da maneira como as elaboramos.

Para Hume, a beleza não está propriamente nos objetos (não é algo puramente objetivo), mas depende do gosto individual, da maneira como cada pessoa vê e valoriza o objeto – ou seja, o juízo do que é ou não belo é subjetivo. Esse gosto estético seria, em grande parte, desenvolvido sob a influência da cultura em que se vive.

WEB. **Super Professor®Web**. Disponível em:<https://www.sprweb.com.br/mod_app/index.php> Acesso em 14/05/2020.

Marcondes, Danilo. *Iniciação à história da filosofia* . Zahar. Edição do Kindle

COTRIM e FERNANDES, Gilberto e Mirna. *Fundamentos de filosofia* . São Paulo: Saraiva, 2016.

ARANHA e MARTINS, M. L. de A. e M.H. P. *Filosofando, Introdução à Filosofia*. São Paulo: Editora Moderna, 1993

Chauí, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática. 1997. p. 115)

Ghiraldelli Jr., Paulo. *A Aventura da Filosofia: de Parmênides a Nietzsche* (p. 115). Edição do Kindle.